



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

TRÊS ENTREVISTAS CHAMARAM MINHA ATENÇÃO NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA. AS DE ORHAN PAMUK, HASSAN BLASIM E MYRIAM REVAULT D'ALLONE.



TRÊS CULTURAS, TRÊS VISÕES DE MUNDO, MAS UMA IMENSA SINTONIA SOBRE A NOSSA ERA DE REVOLTAS E CONFLITOS.



A SUPERANÇA DO TERROR, DA VIOLÊNCIA E DA ANGÚSTIA DA CRISE ESTÁ NO ESFORÇO DO CONHECIMENTO, NA BUSCA DE ENTENDIMENTO, NA TRANSMISSÃO DE IDEIAS.



Fontes: Cassiano Elek Machado, in: Folha de São Paulo, 14/9/2013; Fernando Eichenberg, in: O Globo, 14/9/2013; Guilherme Freitas, in: O Globo, 14/9/2013.

CRISE Três entrevistas chamaram minha atenção no último fim de semana. A de Orhan Pamuk, escritor turco e Nobel de Literatura 2006; Hassan Blasim, escritor Iraquiano exilado na Finlândia desde 2004 e Myriam Revault d'Allone, filósofa francesa que escreveu um ensaio sobre a permanência da ideia de crise no mundo contemporâneo. Três culturas, três visões de mundo, mas uma imensa sintonia sobre a nossa era de revoltas e conflitos. Uma sintonia expressa na preocupação com a violência latente e um desejo de compreender o estado permanente de crise em que vivemos.

HUMANIDADES EMERGENTES Orhan Pamuk concedeu sua entrevista ao jornalista Cassiano Elek Machado, da Folha de São Paulo (14/9/2013). A pauta foi o lançamento no Brasil de um de seus primeiros livros, *A Casa do Silêncio* (1982), mas os temas se ampliaram na diversidade de perguntas. Sobre as transformações ocorridas na Turquia entre 1982 e agora, ele diz que seu país, assim como o Brasil, é considerado mercado emergente, um rótulo que ele considera "irritante" e, por isso mesmo, prefere chamar de "humanidades emergentes".

MERCADO E GENTE Na sua visão, "(...) não é só o mercado que emerge. Com a consolidação de uma classe média e o fortalecimento da economia de um país, suas artes e literaturas também se desenvolvem. Segundo ele, "(...) as manifestações recentes nas ruas do Brasil e da Turquia têm relação com esses novos humanismos". Ele entende que a classe média "(...) não quer ser conduzida por uma força centralizadora e não se sente representada pelo sistema político".

SENTIMENTOS O que interessa a Orhan Pamuk são os humanos, os sentimentos que giram em torno da maneira de pensar de cada um. Por isso, ele pretende escrever, com mais profundidade, sobre o fundamentalismo islâmico, o anti-imperialismo, a xenofobia, o despertar da religião, o desejo de pertencer e as razões pelas quais há gente praticando terrorismo. Neste sentido, ele diz: "(...) Gosto de pensar ao mesmo tempo em como uma pessoa destas se relaciona com a sua mãe e em como são seus momentos mais ternos na vida provinciana".

ETNIAS E ABUSOS Hassan Blasim é um autor inédito no Brasil, mas é um dos poucos escritores iraquianos atuais cuja obra circula no Ocidente. Ele cresceu em Kirkuk, cidade iraquiana reivindicada pelo Curdistão, onde curdos, árabes, cristãos e turcos formam um caldeirão de etnias. Matéria do jornalista Guilherme Freitas, para O Globo (14/9/2013), apresenta o escritor iraquiano como um intelectual que escreve sobre os abusos da ditadura de Saddam Hussein, os desmandos da ocupação americana, o sectarismo religioso no Oriente Médio e o drama dos refugiados muçulmanos na Europa.

RELIGIÃO E POLÍTICA Blasim não é pessimista em relação ao futuro do Iraque. Ele enfatiza que "(...) os iraquianos precisam de um longo tempo para promover a paz no país que está ligado à crise na religião e às intervenções do Ocidente capitalista. Tudo vai depender da nossa capacidade de encarar as grandes questões da religião e da política".

CRISE PERMANENTE Myriam Revault d'Allones é uma filósofa francesa. Ela acaba de receber elogiosas resenhas sobre sua mais recente obra: *"A crise sem fim – Ensaio sobre a experiência moderna do tempo"*. O estudo trata das diferentes crises do mundo contemporâneo – econômicas, políticas, sociais, de valores, da cultura, da educação ou da família. Segundo Myriam, a crise dos dias de hoje não é mais uma etapa a ser enfrentada e superada, mas um estado permanente.

SEM PROMESSAS A filósofa francesa lembra que a palavra "Krisis", na Grécia antiga, designava um momento específico na evolução de um processo incerto, passível de um diagnóstico e de medidas a serem adotadas. Hoje, ela diz, a ideia de crise está esvaziada do seu significado, "(...) estamos totalmente indefesos diante de um tempo que não promete mais nada".

FUTURO INDETERMINADO Segundo Myriam, a crise em que vivemos hoje está ligada ao fato de que estamos diante de um futuro que percebemos como indeterminado, que não permite orientar a nossa ação. Contudo, ela lembra, mesmo a perda de todas as referências não anula a nossa capacidade de começar algo novo.

PROJETOS X PROMESSAS Diante deste cenário de incertezas, a senhora d'Allones nos oferece duas pistas. Do ponto de vista político, ela entende que cabe aos políticos oferecer projetos à sociedade e não promessas. Do ponto de vista social, ela diz que a educação e a transmissão do conhecimento são fundamentais para orientar as ações.

TRÊS ENCICLOPÉDIAS Pois é! Três escritores – um turco, um iraquiano e uma francesa –, três diferentes culturas, mas um ponto de vista em comum. Pamuk, Blasim e d'Allones entendem que o caminho para superar o terror, a violência e a angústia da crise está no esforço do conhecimento, na busca de entendimento, na tentativa de explicação, na transmissão de ideias. Como diz Orhan Pamuk: "*se eu fosse para uma ilha deserta, levaria três enciclopédias: uma sobre o islã, uma sobre a cultura turca e a Britânica, de 1911, (...) queria escrever sobre tudo e ensinar; de modo não muito humilde, uma nação ignorante*".